

UM ESTUDO ENUNCIATIVO DO TEXTO: O SENTIDO ÀS FORMAS DA LÍNGUA NA E PELA ENUNCIÇÃO

Catiúcia Carniel GOMES

Universidade de Passo Fundo

Resumo: O tema desta pesquisa é o estudo dos efeitos de sentido de unidades da língua, previstas no sistema linguístico, e que podem ser explicados a partir de seu funcionamento em textos/discursos. A área de estudos em que se inscreve o tema desta pesquisa é a Teoria da Enunciação, na abordagem de Émile Benveniste. O presente estudo tem como pressuposto que a língua não é algo estático, passível de homogeneização. Portanto, cada momento enunciativo é único, sendo a enunciação única e irrepetível. Esse trabalho justifica-se porque não há como analisar qualquer fato da língua sem considerar o funcionamento do texto/discurso. Para Benveniste (1899) a enunciação é o ato de colocar a língua em uso, através de um ato individual de apropriação. A linguagem é parte constitutiva do homem, é o que o realiza como ser humano e o que faz viver em sociedade. Sem a linguagem o homem não é nada, não vive. Para Benveniste (1958) a linguagem é subjetiva, pois é através dela que o homem se realiza e se constitui como sujeito. Sendo assim, cada pessoa usa a língua de sua forma, mobilizando-a a seu modo, imprimindo a sua própria subjetividade. O importante para esse trabalho é ressaltar que nos estudos de Benveniste, a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso, o que a torna única. O corpus deste trabalho é composto por textos de diferentes gêneros, especialmente o gênero crônica.

1 INTRODUÇÃO

Ao se deparar com alguns estudos da língua presos à classificação de estruturas, percebe-se que mais estudos que contemplem os sentidos gerados pelas diferentes combinações dessas estruturas devem ser feitos. Torna-se

notável que não basta apenas nomeá-las, é preciso que se saiba quais são as funções exercidas por cada uma em diferentes contextos de comunicação. Além disso, sabe-se que há inúmeras situações comunicativas que só se explicam pela enunciação. Essa é a proposta desse estudo: ver as unidades da língua funcionando e explicar esse funcionamento pela enunciação.

A concepção de língua defendida aqui é a de língua entendida como discurso. Desse modo, vê-se que a língua ao ser tomada por um sujeito é lançada em diálogo a interlocutores. A língua se dá nesse processo interativo entre um **eu** e um **tu** que se revesam, um tomando o papel do outro, no jogo do discurso. Essa abordagem enunciativa tem como amparo teórico as ideias de Émile Benveniste.

Partindo desse pressuposto, acredita-se ser importante perceber como as unidades da língua são postas em funcionamento, já que cada falante o faz de um modo específico. Dessa forma, o tema dessa pesquisa é o estudo de efeitos de sentido de unidades da língua – nomes, verbos, conjunções, advérbios - previstos no sistema linguístico, e que podem ser explicados a partir de seu funcionamento em textos/discursos.

A área de estudos em que se inscreve o tema dessa pesquisa é a Teoria da Enunciação, na abordagem de Émile Benveniste. Esse trabalho justifica-se porque não há como analisar qualquer fato da língua sem considerar o funcionamento do texto/discurso. O importante para esse trabalho é ressaltar que nos estudos de Benveniste, a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso, o que a torna única. O corpus desse estudo é composto por textos de diferentes gêneros, especialmente crônicas.

O trabalho tem como propósito refletir sobre a língua em situações reais de uso. O motivo pelo qual esse tema foi escolhido é o fato de que ao se estudar a língua, percebe-se que muitos fenômenos linguísticos se constituem no discurso e que somente nele ganham sentido.

Como o propósito do trabalho é trabalhar com gêneros discursivos, mais especificamente o gênero crônica, sob a luz da teoria da Enunciação, faz-se necessário ao abrir a próxima seção, apresentar alguns conceitos caros a teoria escolhida e fazer uma breve reflexão sobre o estudo dos gêneros, reflexão que será embasada na obra de Mikhail Bakhtin.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O texto sob um olhar enunciativo

Essa pesquisa inscreve-se numa perspectiva enunciativa, mais especificamente na Teoria da Enunciação, proposta por Émile Benveniste. Segundo Valdir Flores e Marlene Teixeira (2005, p. 29), Benveniste é:

...considerado o linguista da enunciação e conseqüentemente o principal representante do que se convencionou chamar *teoria da enunciação*. [...] Émile Benveniste talvez seja o primeiro linguista, a partir do quadro saussuriano, a desenvolver um modelo de análise da língua especificamente voltado à enunciação.

O estudo aqui apresentado baseia-se em alguns textos da obra Benveniste, que se encontram em dois livros os quais trazem a compilação de todos os artigos produzidos pelo autor, que são: “*Problemas de Linguística Geral I* ([1966] 2005) e *Problemas de Linguística Geral II* ([1974] 2006)¹”, observa-se que alguns artigos foram mais usados do que outros ao longo desse estudo.

Em um de seus artigos, intitulado: “*Da subjetividade da Linguagem*”, Benveniste escreve sobre a linguagem e discute a sua nomeação como instrumento de comunicação, o autor reflete sobre o fato de que instrumento é algo criado pelo homem, com o objetivo de servir a algum propósito, enquanto que a linguagem é inata ao homem. Dessa forma, não é ele (o homem) que a cria. Benveniste (PLG-I. 2005, p. 285) escreve: “falar de instrumento, pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda, não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou.” (PLG-I. 2005, p. 285) Portanto chamá-la de instrumento seria um tanto equivocado, sem uma reflexão maior do que se entende por instrumento e em que sentido se usa essa nomeação.

Compreende-se, portanto, que a linguagem é parte constitutiva do homem, é o que o realiza como ser humano e o que o faz viver em sociedade. É por meio da linguagem que o homem expressa seus sentimentos, que

¹ Os originais são de 1966 e 1974 respectivamente, porém as citações desse trabalho são das edições de 2005 e 2006.

promove ações que interage em sociedade. Sem a linguagem o homem não é nada, não vive. Segundo Benveniste (PLG-I. 2005, p. 285):

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem.

Uma das considerações importantes realizadas por Benveniste é a feita sobre a subjetividade da linguagem. Para Benveniste, a linguagem é subjetiva, pois é através dela que o homem se realiza e se constitui como sujeito, sendo assim cada pessoa usa a língua de sua forma, mobilizando-a de sua forma, imprime a sua própria subjetividade. Isso se comprova nas palavras de Benveniste (PLG-I. 2005, p. 286) em:

É na e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego”.
A “subjetividade” de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”. [...] É “ego” que *diz ego*. Encontramos aí o fundamento da “subjetividade” que se determina pelo *status* lingüístico da “pessoa”.

A partir dessa reflexão sobre a subjetividade da linguagem que Benveniste instaura uma das categorias que configuram sua teoria que é a “categoria de pessoa”. Benveniste (PLG-I. 2005, p. 290) diz: “A instalação da “subjetividade” na linguagem cria na linguagem e, acreditamos, igualmente fora da linguagem a categoria de pessoa.” Se cada pessoa, ao tomar para si a palavra, mobiliza a língua de uma forma, só o faz em virtude de uma outra pessoa, a qual lhe é interlocutor. Portanto ao falar, o sujeito o faz dirigindo-se a um **tu** que passa a ser **eu** no momento em que toma para si o turno, num ato responsivo. Dessa interlocução entre **eu** e **tu** se constitui a comunicação. Percebe-se então que as pessoas do discurso são **eu** e **tu**, sendo que o **ele** é a pessoa da qual se fala e no momento em que toma a palavra, acaba se tornando um **eu**. Para Benveniste, portanto, fazem parte da categoria de pessoa os pronomes **eu** e **tu** enquanto que o pronome **ele** trata-se de uma não-pessoa. Benveniste (PLG-I. 2005, p. 286) escreve:

Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade – que eu me torne tu na alocução daquele que por sua vez se designa por eu. [...] A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso.

A partir do exposto até então, percebe-se que em termos de linguagem tudo é subjetivo, pois, ao passo que o ser humano toma a palavra, mobiliza-a de uma forma e não de outra, sendo assim, imprime uma marca pessoal. Portanto, conclui-se que objetividade na linguagem é algo que não existe, pode-se criar um efeito de objetividade, mas o modo como se cria esse efeito já imprime a subjetividade do falante.

No artigo intitulado: “*A forma e sentido na linguagem*”, resultado de uma conferência proferida por Émile Benveniste, o autor dirige-se filósofos e diz apresentar um ponto de vista diferente do ponto de vista defendido pela maioria dos lingüistas da época. Benveniste diz não haver entre os linguistas um estudo que contemple o que ele propõe. Nas palavras do autor (PLG-II. P. 220 e 221):

...é necessário ver que não trago aqui qualquer coisa como o ponto de vista dos lingüistas; um tal ponto de vista que seja comum ao conjunto ou ao menos a uma maioria de lingüistas não existe. Não só não há entre os lingüistas uma doutrina reconhecida nesta matéria, mas constata-se entre muitos deles uma aversão a tais problemas e uma tendência a deixá-los fora da lingüística.

Para comprovar que a lingüística até então desconsidera os estudos do tipo que Benveniste propõe basta lembrar que na época os estudos de Bloomfield (maior representante da lingüística americana) taxam de mentalismo o estudo do “*meaning*” (sentido em português). Para Bloomfield esses estudos não interessam aos linguistas, interessa sim aos psicólogos e aos psicofisiólogos. Talvez uma justificativa para, na época, não se estudar o sentido seja, segundo Benveniste: “De fato, as manifestações do sentido parecem tão livres, fugidias, imprevisíveis, quanto são concretos, definidos e descritíveis os aspectos da forma.” (PLG-II. P. 221). Importante aspecto é deixar claro qual era o posicionamento de Benveniste ao propor um estudo tão inovador. O autor (PLG-II. P. 221) escreve:

Quem fala aqui o faz em seu nome pessoal e propõe pontos de vista que lhe são próprios. A presente exposição é um esforço para situar e organizar estas noções gêmeas de sentido e de forma, e para analisar suas funções fora de qualquer pressuposto filosófico.

Para Benveniste o sentido é a noção implicada pelos termos da língua e a forma é, do ponto de vista lingüístico, a matéria dos elementos da língua ou o arranjo entre esses elementos. (PLG-II. p. 222)

Ao falar da frase, Benveniste se questiona qual é a função comunicativa da frase. Ao responder essa questão, o autor diz haver para a língua duas esferas, a do sentido e a da forma. Dessa maneira, Benveniste distingue dois níveis: o semiótico e o semântico. O primeiro tem por função de significar e o segundo tem por função comunicar. Para Benveniste (PLG-II. 2005. p. 229 e 230):

A semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua; a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação. [...] Com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com a frase liga-se às coisas fora da língua; e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor.

Portanto o “sentido” está no eixo o sintagma e o “semiótico” está no nível do paradigma. Esses são os pressupostos teóricos que servirão de base para o nosso estudo e que estará presentes em nossas análises.

2.2 Gênero textual: diferentes manifestações da linguagem

O homem vive em sociedade por meio da linguagem. Dessa forma, todas as atividades do homem no mundo estão relacionadas com o uso da língua. Ao se comunicar, o homem o faz de forma ordenada por meio de enunciados² que se organizam em virtude do meio no qual está inserido e a

² Torna-se necessário explicitar aqui que para Bakhtin, diferentemente de outros autores como Émile Benveniste por exemplo, as rubricas *enunciado* e *enunciação* são tomadas por sinônimos. Enunciado equivale tanto ao ato de proferir palavras quanto ao resultado desse ato.

situação comunicativa envolvida, o que determina o modo como esses enunciados são proferidos. Segundo Bakhtin ([1979] 2003³, p. 261):

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados* (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos –o conteúdo temático, o estilo, a composição- estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

A partir do citado acima, pode-se dizer que os gêneros discursivos organizam as atividades humanas. Nasceram de necessidades comunicativas. Ao passo que surgem novos meios de se comunicar, surgem novos gêneros discursivos. Gêneros são entidades relativamente estáveis que obedecem a certas características estruturais e que organizam as comunicações em todas as esferas. Seria quase que impossível contabilizar todos os gêneros existentes, pois são inúmeras e variáveis as maneiras pelas quais o homem se comunica. Quando aqui se fala em maneiras de comunicação, não se fala de estilo próprio de cada falante, mas sim de um modo estruturalmente determinado pelo qual um grupo de falantes se comunica em um determinado espaço comunicativo. Quanto à diversidade de gêneros discursivos existentes, Bakhtin (2003, p. 262) escreve:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

³ Essa e outras citações que serão feitas ao longo dessa seção foram retiradas da obra “Estética da criação verbal”. Esclarece-se aqui que a obra original data de 1979, porém as citações aqui apresentadas foram retiradas da 4ª edição e que por isso datam de 2003.

O estilo é indissolúvelmente ligado ao enunciado, ou seja, os gêneros do discurso. Todo enunciado como único e individual reflete a individualidade do falante. Segundo Bakhtin (2003, p. 266):

Em diferentes gêneros podem revelar-se diferentes camadas e aspectos de uma personalidade individual [...] A própria definição de estilo em geral e de estilo individual em particular exige um estudo mais profundo tanto da natureza quanto da diversidade de gêneros discursivos.

Portanto, os gêneros nos diferentes campos da esfera da comunicação humana revelam estilos de linguagem ou funcionais diversos. Em resumo os gêneros surgem de necessidades funcionais apresentadas em diferentes esferas da comunicação humana. As mudanças que o tempo traz a vida das pessoas também se refletem no modo como as pessoas se comunicam, portanto, os estilos variam com o tempo, dando esse caráter histórico aos gêneros discursivos. Bakhtin (2003, p. 268) escreve:

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos.

Os gêneros são fenômenos mutáveis com o tempo, dependendo da necessidade comunicativa e do estilo que lhes é empregado. Dessa forma, um gênero pode sofrer mudanças em virtude de uma nova necessidade de alguma esfera da comunicação. Ao passo que novas tecnologias surgem, novos gêneros também o fazem, pois juntamente com esses novos meios tecnológicos, surgem novas maneiras de exercitar a comunicação humana, surgem novas necessidades de comunicação com suas características inerentes. Segundo Bakhtin (2003, p. 268): “Onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero.”

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para esse trabalho foi escolhida uma crônica. A análise seguiu as seguintes etapas:

- a) Escolha de uma crônica que apresentasse um uso linguístico diferenciado.
- b) Observação da construção de sentido provocada por esse uso diferenciado da língua.
- c) Estudo e explicação dos sentidos construídos por unidades da língua (verbos, nomes, advérbios) em situações reais a partir da Teoria da Enunciação.

3.1 Análises

Para esta análise foi escolhida a seguinte crônica:

NORMOSE

Martha Medeiros

Lendo uma entrevista do professor Hermógenes, 86 anos, considerado o fundador da ioga no Brasil, ouvi uma palavra inventada por ele que me pareceu muito procedente: ele disse que o ser humano está sofrendo de normose, a doença de ser normal. Todo mundo quer se encaixar num padrão. Só que o padrão propagado não é exatamente fácil de alcançar. O sujeito "normal" é magro, alegre, belo, sociável, e bem-sucedido.

Quem não se "normaliza" acaba adoecendo. A angústia de não ser o que os outros esperam de nós gera bulimias, depressões, síndromes do pânico e outras manifestações de não enquadramento. A pergunta a ser feita é: quem espera o que de nós? Quem são esses ditadores de comportamento a quem estamos outorgando tanto poder sobre nossas vidas?

Eles não existem. Nenhum João, Zé ou Ana bate à sua porta exigindo que você seja assim ou assado. Quem nos exige é uma coletividade abstrata que ganha "presença" através de modelos de comportamento amplamente divulgados. Só que não existe lei que obrigue você a ser do mesmo jeito que todos, seja lá quem for todos. Melhor se preocupar em ser você mesmo.

A normose não é brincadeira. Ela estimula a inveja, a auto-depreciação e a ânsia de querer o que não se precisa. Você precisa de quantos pares de sapato? Comparecer em quantas festas por mês? Pesquisar quantos quilos até o verão chegar?

Não é necessário fazer curso de nada para aprender a se desapegar de exigências fictícias. Um pouco de auto-estima basta. Pense nas pessoas que você mais admira: não são as que seguem todas as regras bovinamente, e sim aquelas que desenvolveram personalidade própria e arcaram com os riscos de viver uma vida a seu modo. Criaram o seu "normal" e jogaram fora a fórmula, não patentearam, não passaram adiante. O normal de cada um tem que ser original.

Não adianta querer tomar para si as ilusões e desejos dos outros. É fraude. E uma vida fraudulenta faz sofrer demais. Eu não sou filiada, seguidora, fiel, ou discípula de nenhuma religião ou crença, mas simpatizo cada vez mais com quem nos ajuda a remover obstáculos mentais e emocionais, e a viver de forma mais íntegra, simples e sincera.

Por isso divulgo o alerta: a normose está doutrinando erradamente muitos homens e mulheres que poderiam, se quisessem, ser bem mais autênticos e felizes

Esta análise tem como objetivo a descrição de fatos de língua. Para isso, algumas palavras do texto acima foram escolhidas, no intuito de descrever o seu uso nesta enunciação específica. Compreenderemos essas ocorrências como palavras da língua, tal como propõe Benveniste, pertencendo, portanto a dois domínios: o domínio semiótico e o domínio semântico.

Essas palavras apresentam uma dupla significação, visto que apresentam significação referente à língua como sistema coletivo, mas também apresentam significação referente à língua em ação.

Apresenta-se aqui um estudo da palavra quem, em diferentes enunciações. Como primeira análise tem-se o seguinte fragmento a ser analisado:

Fragmento 1:

Quem(1) não se "normaliza" acaba adoecendo. A angústia de não ser o que os outros esperam de nós gera bulimias, depressões, síndromes do pânico e outras manifestações de não enquadramento. A pergunta a ser feita é: **quem(2)** espera o que de nós? **Quem(3)** são esses ditadores de comportamento a quem(4) estamos outorgando tanto poder sobre nossas vidas?

Observa-se que **quem(1)** é sujeito gramatical da oração que integra. Seu sentido dentro dessa ocorrência se preenche, pois se sabe, a partir dessa

enunciação, que esse quem são as pessoas que não conseguem se enquadrar no padrão pré-estabelecido, o qual tanto desejam. Nota-se, portanto, que nessa ocorrência tem-se um preenchimento para a palavra quem. Já, em relação ao quem(2), quem(3) e quem(4), percebe-se que há uma indefinição em relação ao grupo ou a pessoa que corresponderia essa palavra, visto que não se sabe quem são os que cobram esse padrão de “normalidade” referido no texto. Mas, ao mesmo tempo que indefine, por não apresentar expressamente quem são essas pessoas, as define no sentido de dizer que são aquelas que pertencem ao grupo dos que cobram determinados padrões.

Fragmento 2:

Eles não existem. Nenhum João, Zé ou Ana bate à sua porta exigindo que você seja assim ou assado. Quem(5) nos exige é uma coletividade abstrata que ganha "presença" através de modelos de comportamento amplamente divulgados.

Nas ocorrências (2), (3) e (4), tinha-se uma indefinição, mas ao mesmo tempo uma definição da palavra quem. Na ocorrência (5), tem-se uma definição explícita em relação à palavra quem. Nesse caso, quem é definido por uma coletividade abstrata, portanto, temos a noção de que não é apenas uma pessoa que constrói esses padrões. Sendo que essa noção aparece e se fortalece a partir daqueles que se inserem nesse grupo e que cobram dos demais os mesmos comportamentos e padrões.

A partir do desta breve análise, percebe-se que o sentido dado às palavras da língua é único e irrepetível, visto que não é dado *a priori*, mas sim no seu uso real, no ato da enunciação.

4 CONCLUSÃO

A partir do exposto, conclui-se que as unidades da língua só podem ser estudadas em seu funcionamento, em situações de comunicação. Além disso, os sentidos dessas unidades não são construídos *a priori*, mas sim no momento em que são postas em funcionamento em diferentes enunciações.

Fica aqui uma tentativa de ver a língua em funcionamento através da Teoria da Enunciação, muito há ainda por estudar e aprofundar em relação a essa teoria, mas os primeiros passos já foram dados na busca de ver a língua mobilizada pelos sujeitos falantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Trad.: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas, São Paulo: Pontes, 2005.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. Trad.: partel: Eduardo Guimarães; parte II: Marco Antônio Escobar; parte III: Rosa Attié Figueira; parte IV: Vandersi Sant'Ana Castro; parte V: João Wanderlei Geraldi; parte VI: Ingedore G. Villaça Koch. Campinas, São Paulo: Pontes, 2006.

MARCUSCHI, Luis Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In:

DIONÍSIO, Ângela. P. MACHADO, Anna R; BEZERRA, Maria A. (Orgs). *Gêneros textuais & Ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005, p. 19-45.

FLORES, Valdir do Nascimento e TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

FLORES, Valdir do Nascimento, SILVA, Silvana. LICHTENBERG, Sônia e

WEIGERT, Thaís. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.